



# LEVANTAMENTO FLORÍSTICO E ETNOBOTÂNICO DE UM FRAGMENTO SECUNDÁRIO DE FLORESTA OMBRÓFILA MISTA MONTANA EM LAGES, SC

Manoela Drews de Aguiar

Ana Carolina da Silva; Pedro Higuchi; Marcelo Negrini; Maize Carla Carlesso; João Fert Neto; André Felipe Hess; Guilherme dos Santos Floriani

Departamento de Engenharia Florestal/UFES; manoo\_aguiar@hotmail.com

## INTRODUÇÃO

Florestas secundárias podem ser definidas como aquelas formadas após o corte de 90% ou mais da vegetação primária (Greig - Smith, 1952; Lanly, 1982; Sips *et al.*, , 1997; Smith *et al.*, , 1999) ou após algum tipo de perturbação (UNESCO, 1978; Brown & Lugo, 1990) ou de interferência drástica (Ford - Robertson, 1971; WWF, 1989; Helms, 1998). Em razão do seu rápido crescimento, têm importância ecológica em termos de acúmulo de biomassa, controle de erosão, conservação de nutrientes, benefícios hidrológicos e manutenção da biodiversidade (Pereira & Vieira, 2001), além de funcionar como “stepping - stones” ou corredores florestais, interligando áreas maiores.

Devido à falta de pesquisas em relação a sua produtividade e seu uso, estas florestas são pouco utilizadas, sendo o seu manejo sustentável uma forma relativamente nova de uso alternativo da terra e que, por estimular o proprietário rural a manter a floresta, promove a sua conservação. Embora alguns autores (e.g. Lamprecht, 1990) considerem as florestas secundárias como produtoras de madeira leve, mole, pouco resistentes e de pequenas dimensões, alguns estudos têm demonstrado o contrário (e.g. Alvino *et al.*, , 2005). Além do potencial madeireiro, estas florestas podem ser uma importante fonte de itens não - madeireiros, como frutas e plantas medicinais, e fornecer serviços ambientais relevantes, como a restauração da produtividade do local, a redução de populações de insetos, a manutenção do ciclo hidrológico e o seqüestro de carbono atmosférico.

No Brasil, os estudos em florestas secundárias estão concentrados na região Norte (e.g. Alvino *et al.*, , 2005), sendo que em Santa Catarina não há estudos do seu potencial produtivo e estas são utilizadas de forma inadequada, sendo super - exploradas de forma não - sustentável ou subutilizadas. Na primeira forma de utilização o resultado final é a degradação florestal, onde existe a redução da capacidade da floresta em fornecer bens e serviços ambientais, em função do comprometimento da biodiversidade e funcionalidade do ecossistema como um todo. Na segunda situação, os proprietários rurais obtêm uma renda abaixo do poten-

cial do que a floresta permite, o que representaria um desestímulo para a manutenção da floresta em pé.

Além disso, na Região do Planalto Catarinense, é comum a prática de manejo dos fragmentos florestais permitindo a entrada de gado dentro da floresta. Este pisoteia a sua regeneração natural, matando as plântulas e ocasionando a compactação dos solos, impedindo, assim, o desenvolvimento de novas árvores. Também é comum a realização de roçadas do sub - bosque, a fim de se estimular a entrada do gado, potencializando o efeito anterior, pois, além do pisoteio freqüente dos animais, há o impacto antrópico da roçada matando a regeneração natural. Isso, ao longo do tempo, impede a formação de novas árvores e, as velhas, que possuem uma idade limite, irão morrer, e o fragmento florestal tende a entrar em processo de degradação e a desaparecer. Desta forma, trabalhos que tenham como objetivo subsidiar o uso sustentável deste ambiente e a valorizar a manutenção da floresta são de importância econômica, social e ambiental.

## OBJETIVOS

i) Verificar a composição florística e realizar o levantamento etnobotânico do componente arbóreo de uma floresta secundária em Lages, SC.

## MATERIAL E MÉTODOS

O estudo foi realizado em uma floresta secundária no município de Lages, SC, que está localizada na latitude 27°48'58”S e longitude 50°19'30”O, com altitude em torno de 916 m. O clima predominante na região é Cbf, de acordo com a classificação de Köppen, com precipitação anual média de 1.479,48 mm, bem distribuídas no ano, e temperatura anual média de 16°C. Lages está inserida na Bacia Hidrográfica do Rio Canoas e do Rio Pelotas, com topografia suave - ondulada a ondulada, sendo a vegetação

classificada, de acordo com o Sistema de Classificação do IBGE (1992), como Floresta Ombrófila Mista Montana.

O levantamento da composição florística e etnobotânica da vegetação arbórea foi conduzido em 21 parcelas de 400 m<sup>2</sup> (20 x 20 m), distribuídas de forma sistemática, onde foram medidos (DAP e altura), coletados e identificados os indivíduos arbóreos vivos que apresentaram DAP (diâmetro a altura do peito a 1,30 m) 5 cm. Indivíduos com troncos múltiplos foram medidos quando a raiz da soma dos quadrados dos DAPs foi maior ou igual a 5,0 cm. As identificações foram realizadas por meio de comparações em herbários e literatura e as espécies foram classificadas nas famílias de acordo com o sistema APG II (Angiosperm Phylogeny Group, 2003). O levantamento etnobotânico foi feito por meio de consulta em bibliografias e as espécies foram distribuídas nos grupos: (i) uso madeireiro, (ii) uso para lenha, (iii) uso dos frutos, (iv) uso ornamental, (v) uso na recuperação de áreas degradadas e (vi) uso medicinal.

## RESULTADOS

Foram identificadas 70 espécies arbóreas distribuídas em 32 famílias botânicas. As famílias que tiveram maior número de espécies foram Myrtaceae, com 16 espécies, Lauraceae, com cinco espécies, Asteraceae, Salicaceae e Sapindaceae, com quatro espécies e Aquifoliaceae e Solanaceae, com três espécies.

As espécies com maior número de indivíduos, em ordem alfabética de família, foram: *Lithraea brasiliensis* Marchand (Anacardiaceae), *Annona rugulosa* (Schltdl.) H.Rainer (Annonaceae), *Ilex theezans* Mart. ex Reissek (Aquifoliaceae), *Oreopanax fulvum* Marchal (Araliaceae), *Araucaria angustifolia* (Bertol.) Kuntze (Araucariaceae), *Dasyphyllum spinescens* (Less.) Cabrera (Asteraceae), *Dasyphyllum tomentosum* (Spreng.) Cabrera (Asteraceae), *Gochnatia polymorpha* (Less.) Cabrera (Asteraceae), *Vernonanthura discolor* (Spreng.) H.Rob. (Asteraceae), *Jacaranda puberula* Cham. (Bignoniaceae), *Cinnamodendron dinisii* Schwacke (Canellaceae), *Dicksonia sellowiana* Hook. (Dicksoniaceae), *Sebastiania commersoniana* (Baill.) L.B.Sm. & Downs (Euphorbiaceae), *Dalbergia frutescens* (Vell.) Britton (Fabaceae), *Nectandra megapotamica* (Spreng.) Mez (Lauraceae), *Ocotea pulchella* Mart. (Lauraceae), *Myrsine umbellata* Mart. (Myrsinaceae), *Acca sellowiana* (O.Berg) Burret (Myrtaceae), *Calyptanthus concinna* DC. (Myrtaceae), *Campomanesia xanthocarpa* O. Berg (Myrtaceae), *Eugenia pluriflora* DC. (Myrtaceae), *Myrcia bombycina* (O.Berg) Nied. (Myrtaceae), *Myrcia lajeana* D.Légrand (Myrtaceae), *Myrcia laruotteana* Camb. var. *australis* (Myrtaceae), *Myrcia splendens* (Sw.) DC. (Myrtaceae), *Myrrhinium atropurpureum* Schott (Myrtaceae), *Podocarpus lambertii* Klotzsch (Podocarpaceae), *Roupala montana* Aubl. (Proteaceae), *Scutia buxifolia* Reissek (Rhamnaceae), *Prunus myrtifolia* (L.) Urb. (Rosaceae), *Zanthoxylum kleinii* (R.S.Cowan) P.G.Waterman (Rutaceae), *Zanthoxylum rhoifolium* Lam. (Rutaceae), *Banara tomentosa* Clos (Salicaceae), *Casearia decandra* Jacq. (Salicaceae), *Casearia obliqua* Spreng. (Salicaceae), *Xylosma ciliatifolia* (Clos) Eichler (Salicaceae), *Allophylus edulis* (A.St. -

Hil., Cambess. & A.Juss.) Radlk. (Sapindaceae), *Allophylus guaraniticus* (A.St. - Hil.) Radlk. (Sapindaceae), *Cupania vernalis* Cambess. (Sapindaceae), *Matayba elaeagnoides* Radlk. (Sapindaceae), *Solanum pabstii* L.B.Sm. & Downs (Solanaceae), *Solanum sanctaecatharinae* Dunal (Solanaceae), *Styrax leprosus* Hook. & Arn. (Styracaceae), *Symplocos trachycarpa* Brand (Symplocaceae), *Duranta vestita* Cham. (Verbenaceae) e *Drimys brasiliensis* Miers (Winteraceae).

Das espécies mais comuns, destacam - se com potencial de utilização para (i) uso madeireiro a *Araucaria angustifolia*, a *Gochnatia polymorpha*, a *Lithraea brasiliensis*, a *Nectandra megapotamica*, a *Ocotea pulchella* e a *Roupala montana*; para (ii) uso para lenha a *Acca sellowiana*, o *Allophylus edulis*, o *Calyptanthus concinna*, a *Campomanesia xanthocarpa*, o *Cinnamodendron dinisii*, a *Cupania vernalis*, a *Dalbergia frutescens*, a *Duranta vestita*, a *Gochnatia polymorpha* e a *Myrcia splendens*; para (iii) uso dos frutos a *Acca sellowiana*, a *Araucaria angustifolia* e a *Campomanesia xanthocarpa*; para (iv) uso ornamental o *Allophylus edulis*, o *Cinnamodendron dinisii*, a *Cupania vernalis*, a *Dicksonia sellowiana*, a *Jacaranda puberula*, a *Matayba elaeagnoides* e o *Podocarpus lambertii*; para (v) uso na recuperação de áreas degradadas o *Allophylus edulis*, a *Annona rugulosa*, o *Calyptanthus concinna*, a *Casearia decandra*, o *Cinnamodendron dinisii*, a *Cupania vernalis*, a *Duranta vestita*, a *Matayba elaeagnoides*, a *Myrcia splendens*, a *Myrsine umbellata*, a *Scutia buxifolia* e a *Sebastiania commersoniana*; para (vi) uso medicinal a *Campomanesia xanthocarpa*, o *Cinnamodendron dinisii*, o *Drimys brasiliensis*, o *Zanthoxylum kleinii* e o *Zanthoxylum rhoifolium*.

## CONCLUSÃO

O conhecimento do potencial produtivo de florestas secundárias, localizadas em propriedades rurais, representa uma etapa para o uso sustentável dos recursos florestais e, conseqüentemente, para sua conservação.

## REFERÊNCIAS

- Alvino, F.O; Silva, M.F.F & Rayolvol, B.P. 2005. Potencial de uso das espécies arbóreas de uma floresta secundária, na Zona Bragantina, Pará, Brasil. Acta Amazônica, 35: 413 - 420.
- Angiosperm Phylogeny Group. 2003. An update of the angiosperm phylogeny group classification for the orders and families of flowering plants: APG II. Botanical Journal of the Linnean Society, 143: 399 - 436.
- Brown, S. & Lugo, A.E. 1990. Tropical secondary forests. J. Trop. Ecol., 6: 1 - 32.
- Ford - Robertson, F.C. 1971. Terminology of forest science, technology practice and products. The Multilingual Forestry Terminology Series No. 1, Society of American Foresters, Washington D.C., USA.
- Greig - Smith, P. 1952. Ecological observation on degraded and secondary forest in Trinidad, British West Indies. General feature of the vegetation. J.1 of Ecol., 40: 283 - 315.

- Helms, J.A. 1998. The dictionary of forestry. Society of American Foresters and CABI Publishing, Bethesda, MD.
- IBGE. 1992. Manual técnico da vegetação brasileira. Rio de Janeiro, Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (Série: Manuais técnicos em geociências n. 1).
- Lamprecht, H. 1990. Silvicultura nos Trópicos. Eschborn, Cooperação Técnica - RFA, 343 p.
- Lanly, J.P. 1982. Tropical forest resources. Rome, FAO Forestry Paper No. 30.
- Pereira, C.A. & Vieira, I.C.G. 2001. A importância das florestas secundárias e os impactos de sua substituição por plantios mecanizados de grãos na Amazônia. 2001. *Inter-ciência*, 26: 337 - 341.
- Sips, P.A.; van der Linden, B.A.; van Duk, K. 1997. The potential of tropical secondary rainforest management in Latin America. In: *Memorias del Taller Internacional sobre el Estado Actual y Potencial de Manejo y Desarrollo del Bosque Secundario Tropical en América Latina*, Pucallpa - Peru, 2 - 6 June 1997. Pp. 225 - 230.
- Smith, J.; Van De Kop, P.; Reategui, K.; Lombardi, I.; Sabogal, C.; Diaz, A. 1999. Dynamics of secondary forests in slashand - burn farming: interaction among land use types in the Peruvian Amazon. *Agriculture, Ecosystems, and Environment*, 76 :85 - 98.
- UNESCO, 1978. Tropical forest ecosystems. A state of knowledge report prepared by UNESCO, UNEP, and FAO. Vol. Natural Resources Research XIV. UNESCO, Vendome, France.
- WWF. 1989. Tropical forest conservation. WWF International Position Paper No. 3.